

QUESTÕES PSICOLÓGICAS RELACIONADAS À NÃO AMAMENTAÇÃO E À MATERNIDADE DE MULHERES VIVENDO COM HIV: PERSPECTIVA DE ENFERMEIRAS

Psychological Issues Related to Non-Breastfeeding and Motherhood Among Women Living with HIV: Nurses' Perspective

Vitoria Pereira de Oliveira¹; Camila Ferreira Silva²; Marcia Raquel Baumgratz³; Livia Helen Ribas Wust⁴; Raul Santos Santana⁵;

Robson Lopes de Jesus⁶; Rayanne Carolina da Silva⁷; Lhaísa Silva Soares⁸; Moniele Dias Quirino⁹; Joana Siqueira de Góis Rodrigues¹⁰

¹ Enfermeira; residente em Obstetrícia pela Escola de Saúde Pública de Pernambuco (ESPPE). ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-4712-3985> | E-mail: enfvtoriaoliveira@outlook.pt

² Graduanda em Enfermagem, Faculdade Integrada CETE (FIC), Garanhuns, Pernambuco, Brasil. E-mail: cfcamilaferreira@Hotmail.com. <https://orcid.org/0000-0001-7358-1289>

³ Enfermeira pela Universidade de Passo Fundo (UPF); especialista em Socorros de Urgência e Emergência, Gestão do SUS e Estética e Cosmetologia. E-mail: baumgratzmarciaraquel@gmail.com. <https://orcid.org/0009-0000-7546-9143>

⁴ Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Franciscano; especialista em Saúde Mental pela Universidade Luterana do Brasil. E-mail: wustlivia@gmail.com. <https://orcid.org/0009-0007-0140-8672>

⁵ Enfermeira pelo Centro Universitário Planalto do Distrito Federal; especialista em Enfermagem Oncológica e em Gestão e Auditoria em Serviços de Saúde pela Faculdade Líbano; docente do Instituto Científico Educacional (ICIES). ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-6143-6711> | E-mail: enf.raulsantana@gmail.com

⁶ Graduando em Enfermagem pela Faculdade de Administração, Negócios e Saúde de Sergipe (FANESE). E-mail: lopesr198@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-9401-3827>

⁷ Enfermeira pelo Centro Universitário da Vitória de Santo Antão (UNIVISA). E-mail: rayannecsilvaenf@gmail.com | <https://orcid.org/0009-0003-1457-4945>

⁸ Graduanda em Medicina pelo Centro Universitário Vértice (UNIVÉRTIX). <https://orcid.org/0000-0003-2123-575X>. Email: Lhaisauni@gmail.com

⁹ Graduanda em Enfermagem pela Faculdade Integrada CETE (FIC), Garanhuns, Pernambuco, Brasil. E-mail: Mony82226@gmail.com | <https://orcid.org/0009-0008-5408-3071>

¹⁰ Licenciada em Ciências Biológicas; especialista em Saúde Pública, universidade de Pernambuco(UPE) . E-mail: joanasr24@gmail.com | <https://orcid.org/0009-0002-7537-5010>

Autor correspondente: Vitoria Pereira de Oliveira | enfvtoriaoliveira@outlook.pt

RESUMO

Objetivo: descrever, na perspectiva de enfermeiras de uma maternidade de referência, as questões psicológicas relacionadas à não amamentação e ao exercício da maternidade por mulheres vivendo com HIV. Método: estudo qualitativo, exploratório e descritivo, realizado em uma maternidade da V Gerência Regional de Saúde de Pernambuco, com 12 enfermeiras. Os dados sociodemográficos foram descritos e as entrevistas, gravadas e transcritas, submetidas à análise de conteúdo. Resultados: emergiram duas categorias: impactos psicológicos atribuídos à não amamentação e influência da impossibilidade de amamentar no exercício da maternidade. As participantes relataram medo, culpa, tristeza, sensação de incompletude e preocupação com o vínculo mãe-bebê, destacando a necessidade de acolhimento e suporte multiprofissional. Conclusão: na percepção das enfermeiras, a não amamentação pode intensificar sofrimento emocional e estigma entre mulheres vivendo com HIV, exigindo comunicação qualificada, cuidado humanizado e apoio psicossocial no pré-natal, parto e puerpério.

Palavras-chave: Aleitamento materno; HIV; Saúde mental; Maternidade; Enfermagem.

ABSTRACT

Objective: to describe, from the perspective of nurses working in a referral maternity hospital, the psychological issues related to non-breastfeeding and the experience of motherhood among women living with HIV. Method: a qualitative, exploratory, and descriptive study conducted in a maternity hospital in the V Health Region of Pernambuco, Brazil, with 12 nurses. Sociodemographic data were described, and recorded and transcribed interviews were analyzed using content analysis. Results: two categories emerged: psychological impacts attributed to non-breastfeeding and the influence of the inability to breastfeed on the experience of motherhood. Participants reported fear, guilt, sadness, a sense of incompleteness, and concerns about the mother-infant bond, emphasizing the need for welcoming care and multiprofessional support. Conclusion: in the nurses' perspective, non-breastfeeding

may intensify emotional distress and stigma among women living with HIV, requiring qualified communication, humanized care, and psychosocial support throughout prenatal care, childbirth, and the postpartum period.

Keywords: Breastfeeding; HIV; Mental Health; Motherhood; Nursing.

INTRODUÇÃO

A infecção pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV) permanece um relevante problema de saúde pública. Entre as vias de transmissão encontra-se a transmissão vertical, que pode ocorrer durante a gestação, o parto e a amamentação, razão pela qual a assistência pré-natal e o seguimento materno-infantil exigem medidas específicas de prevenção (Alves et al., 2020; Gonçalves et al., 2022).

No Brasil, a prevenção da transmissão vertical envolve diagnóstico oportuno, terapia antirretroviral e acompanhamento clínico da gestante e da criança exposta. As diretrizes nacionais também orientam a não amamentação por mulheres vivendo com HIV, com oferta de alternativas seguras para alimentação do recém-nascido, conforme o protocolo assistencial vigente (Brasil, 2022; Brasil, 2023).

A impossibilidade de amamentar pode assumir significado emocional relevante para algumas mulheres, especialmente quando a amamentação foi idealizada como parte da experiência de maternidade. Estudos descrevem sentimentos de medo, culpa, angústia, frustração e preocupação com o vínculo mãe-bebê, além do impacto do estigma associado ao HIV (Bastos et al., 2019; Rique et al., 2022; Pereira et al., 2024).

Além das recomendações biomédicas, a maternidade de mulheres vivendo com HIV é atravessada por expectativas sociais, experiências de estigma e necessidade de apoio qualificado. A literatura recente reforça que essas vivências não são homogêneas e devem ser compreendidas a partir do contexto de cada mulher, evitando generalizações e abordagens estigmatizantes (Dmucharski e Zambenedetti, 2025; Miranda et al., 2024).

Considerando que os profissionais de enfermagem acompanham mulheres no pré-natal, parto, puerpério e alojamento conjunto, compreender como esses profissionais percebem as repercussões psicológicas da não amamentação pode contribuir para qualificar o acolhimento e a comunicação assistencial. Assim, este estudo teve como objetivo descrever, na perspectiva de enfermeiras obstétricas, as questões psicológicas relacionadas à não amamentação e à maternidade de mulheres vivendo com HIV.

METODOLOGIA

Trata-se de estudo descritivo, exploratório e de abordagem qualitativa, realizado no Hospital Regional Dom Moura, maternidade de referência da V Gerência Regional de Saúde de Pernambuco. A população do estudo foi composta por enfermeiras atuantes no setor de maternidade, com acompanhamento de usuárias desde a triagem, sala de parto, alojamento conjunto e berçário.

A amostra foi definida por saturação e totalizou 12 enfermeiras. Foram incluídas profissionais enfermeiras, plantonistas ou não, vinculadas ao setor. Foram excluídas a profissional orientadora e a profissional da maternidade que avaliou o trabalho no comitê da instituição, profissionais afastadas por férias ou licença e profissionais sem condições de participar da entrevista por limitações clínicas ou de comunicação.

As entrevistas foram realizadas pela pesquisadora principal. A amostra foi definida pelo critério de saturação teórica dos dados. A operacionalização da saturação ocorreu de forma processual e concomitante à coleta: após a 8ª entrevista, observou-se a recorrência dos códigos e ausência de novos temas significativos relacionados ao objeto. Foram realizadas mais 4 entrevistas para confirmação da saturação, totalizando 12 participantes, momento em que se constatou a redundância das informações e o adensamento teórico das categorias, sem emergência de novos elementos. Todo o processo foi documentado em diário de campo e em planilha de controle de códigos emergentes por entrevista. Não havia relação previa com as participantes de pesquisa. Não houve existência de teste-piloto/validação do roteiro e não houve repetição de entrevistas.

A coleta de dados ocorreu em fevereiro de 2024, com duração média de 15 dias, realizada no próprio hospital regional Dom Moura. Foram utilizados um instrumento sociodemográfico e um roteiro de entrevista com perguntas disparadoras. Mediante consentimento, as entrevistas foram gravadas, transcritas na íntegra e submetidas à análise de conteúdo. A técnica compreendeu pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, com inferência e interpretação (Bardin, 2011; Sousa e Santos, 2020).

Para manter coerência com os resultados apresentados, a análise foi organizada em duas categorias temáticas: (1) impacto psicológico atribuído à não amamentação na perspectiva profissional; e (2) influência da não amamentação no exercício da maternidade na visão profissional.

Foram assegurados sigilo, privacidade, voluntariedade e possibilidade de desistência, em consonância com as normas éticas nacionais aplicáveis à pesquisa com seres humanos (Brasil, 2012; Brasil, 2016). Conforme o documento de aprovação anexado ao manuscrito, o protocolo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Pernambuco, sob CAAE 75818723.0.0000.0128 e Parecer nº 6.652.643., ademais, o presente artigo é uma análise secundária/recorte do mesmo protocolo e o objetivo atual está coberto pela aprovação ética.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram 12 enfermeiras, com idades entre 30 e 52 anos. O perfil sociodemográfico e profissional informado na versão recebida encontra-se parcialmente incompleto; os dados disponíveis são apresentados na Tabela 1, e os campos que exigem confirmação foram destacados.

Tabela 1 – Perfil sociodemográfico e profissional das participantes. Garanhuns, PE, Brasil, 2024.

Variável/Categoria	n	%
Sexo – Feminino	12	100,0
Sexo – Masculino	0	0,0
Estado civil – Solteira	0	0,0
Estado civil – Casada	9	75,0
Estado civil – Divorciada	2	16,7
Estado civil – Viúva	1	8,3
Tem filhos – Sim	12	100%
Tem filhos – Não	0	0%
Número de filhos – 1 a 2	10	83,3
Número de filhos – 3 ou mais	2	16,7
Tempo de atuação – inferior a 10 anos	4	33,3%
Tempo de atuação – 10 anos ou mais	6	50%
Maior titulação – Especialização	12	100%
Maior titulação – Mestrado	0	0,0
Maior titulação – Doutorado	0	0,0

Fonte: dados da pesquisa (2024). *Confirmar denominador antes da publicação.

Impacto psicológico da não amamentação na perspectiva profissional

As entrevistadas descreveram que a impossibilidade de amamentar pode repercutir emocionalmente de modo distinto entre as mulheres vivendo com HIV. Na percepção das profissionais, desejo prévio de amamentar, expectativas construídas durante a gestação, estigma e receio de transmissão ao bebê podem intensificar sentimentos de tristeza, culpa, impotência ou incompletude. Os relatos também indicam a necessidade de acolhimento individualizado.

Entrevistada 02: eu acredito sim que tem impacto porque como acabei de dizer, te mulheres que em esse desejo de amamentar isso influencia também na rotina de você se sentir capaz de amamentar seu filho, questão psicológica mesmo eu acho que altera

Entrevistada 03: Ao meu ver, quando essas pacientes elas não conseguem amamentar elas ficam um pouco excluídas com se elas não pudesse ser mãe, muitos tem até depressões pós parto devido a isso, porque o sonho é tão grande de amamentar e elas não conseguem e a gente como profissional a gente tem que tentar fazer com que elas entendam que a amamentação naquele momento pra o bebe dela é muito ruim.

Entrevistada 04: Com certeza, eu acredito que muitas afetam o psicológico sim, que gostaria de amamentar e sabe que era necessário para o bebê né, mas assim como é uma coisa no inicio, como é agora, o bebe é recente, é imediato, é o trabalho de parto imediato, que é o puerpério imediato, dar pra gente trabalhar isso na cabeça dela, mostrando que é bom para o bebe dela, pra vida do bebe dela, não tomar esse tipo de leite, porque se ela ama realmente aquela criança ela sabe que o amor né independe disso, ela pode construir de outra forma.

Entrevistada 10: Cada uma vive de uma forma, algumas não querer mesmo amamentar, independente de HIV. Em casos de interesse da mulher, mostro que pode exercer sua maternidade mesmo sem amamentar.

Entrevistada 11: Como eu falei anteriormente varia de pessoa para pessoa, acredito que em pessoas que vão lhe dar bem com isso, assim como te mais que não são HIV positivas e que não desejam amamentar né, tem pessoas que de fato não desejaram e aí varia de pessoa pra pessoa, e acredito que aquela pessoa que desejava muito né, vai interferir no psicológico dela, ela pode as vezes se sentir, sei la impotente, ou menos mãe, por não poder amamentar né, pode acontecer em alguns casos sim.

Entrevistada 12: Eu acredito que sim né, em muita gente que idealiza aquela coisa, não deixa de ser né, a mulher quando engravida ela tem toda a idealização de criar o filho, de poder dar o peito, então eu acho que isso psicologicamente precisa ter acompanhamento, que eu sei que elas tem, mas é complicado você, assim é como se fosse uma coisa incompleta né, como se você não tivesse realizado, é terrível, é um trauma que ela leva.

A literatura descreve que a impossibilidade de amamentar pode adquirir forte carga simbólica e coexistir com sentimentos de tristeza, medo, culpa, angústia e preocupação com a saúde do filho. Esses efeitos, porém, não são uniformes e devem ser interpretados à luz das trajetórias individuais e das condições sociais de cada mulher (Pereira et al., 2024; Rique et al., 2022).

Dmucharski e Zambenedetti (2025) ressaltam que a maternidade de mulheres vivendo com HIV é atravessada por normas sociais, expectativas e experiências de estigma. Assim, os achados deste estudo convergem com a necessidade de compreender a não amamentação não apenas como uma recomendação biomédica, mas como experiência potencialmente complexa, cuja abordagem assistencial deve evitar julgamentos e generalizações.

Influência da não amamentação no exercício da maternidade na visão profissional

Entrevistada 05: *Com certeza pode influenciar, pode e na maioria dos casos, influencia, eu acho que essa mulher vai se ver de certa forma com inferioridade com relação as outras mães, e isso mexe com todo resto, mexe com o psicológico, com o físico, mexe com a relação do binômio mãe e o bebe, mexe com a interação social, porque ela se sente menos mãe, menos capaz de exercer sua maternidade de uma forma mais completa*

Entrevistada 06: *Ela pode se afastar da criança achando que pode com facilidade causar algum mal a ela*

Entrevistada 07: *Ave é tão ruim, principalmente as que te vontade de amamentar, porque a amamentação as vezes não é uma via de regra, nem toda mãe tem o desejo grande de amamentar, mas algumas sim, algumas mães principalmente as múltiparas, as vezes já amamentou outros filhos e tem o desejo o então aquelas que são primeiro filho que sonhou, que foi uma gravidez planejada que tem a vontade muito grande de amamentar, acho que essas a questão psicológica é mais afetada, porque elas tem o desejo de amamentar, então nessas situações é mais difícil você convencer elas que não vão poder amamentar.*

Entrevistada 08: *Em relação há influenciar, porque na verdade a amamentação além de nutrir a criança, é um elo entre mãe e filho, é essa união que se rompe, muitas vezes até na própria orientação eu orientava a mãe a colocar a posição realmente de amamentar e colocar ele em contato pele a pele e deixar a mamadeira como se fosse o peito, pra pelo menos não perder-se o contato pele a pele né, que ela continuasse tendo o contato pele a pele, pra que ela não perdesse ainda mais esse elo, e essa ligação, entre a mãe e o filho.*

Entrevistada 09: *É como eu falei, eu acredito que realmente influencia, principalmente na questão do vínculo mãe e bebê né, que um momento que é assim, muito só você e ele, é um momento único, e que ninguém pode fazer pro você, porque dar banho no bebê o pai pode, um familiar pode né, dar uma mamadeira outra pessoa pode, mas amamentar é uma coisa que só você poderia oferecer pra o seu filho né.*

Estudos qualitativos com mulheres vivendo com HIV mostram que a não amamentação pode ser acompanhada por dúvidas, sentimentos de perda e necessidade de orientações mais sensíveis por parte dos serviços de saúde. Miranda et al. (2024) destacam a relevância do acolhimento e do vínculo profissional, enquanto Santos et al. (2021) descrevem repercussões emocionais associadas à impossibilidade de amamentar.

Nesse contexto, a enfermagem ocupa posição estratégica na comunicação das recomendações de prevenção da transmissão vertical, no esclarecimento de dúvidas e na identificação de necessidades psicossociais. O cuidado deve ser individualizado, baseado em evidências e integrado à equipe multiprofissional, de modo a preservar autonomia, dignidade e segurança materno-infantil (Gonçalves et al., 2022).

Limitações do estudo

Os resultados refletem a percepção de 12 enfermeiras de uma única maternidade e não podem ser interpretados como relato direto das mulheres vivendo com HIV. A ausência de entrevistas com as próprias mulheres limita a compreensão da experiência subjetiva e recomenda cautela na generalização dos achados. Estudos futuros podem incorporar diferentes serviços, profissionais e, sobretudo, a perspectiva direta das usuárias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na perspectiva das enfermeiras participantes, a não amamentação por mulheres vivendo com HIV pode ser acompanhada por medo, culpa, tristeza, sensação de incompletude e preocupações relacionadas ao vínculo materno. Os relatos evidenciam que essas repercussões variam conforme expectativas, experiências prévias e desejo de amamentar.

Os achados reforçam a necessidade de comunicação clara e não estigmatizante, acolhimento individualizado e articulação multiprofissional durante o pré-natal, parto e puerpério. A interpretação deve permanecer restrita à perspectiva profissional investigada, sem atribuir às mulheres experiências ou diagnósticos que não foram diretamente avaliados.

Recomenda-se que pesquisas futuras incluam a voz das próprias mulheres vivendo com HIV e explorem estratégias assistenciais capazes de reduzir sofrimento emocional e fortalecer o vínculo mãe-bebê no contexto da alimentação substitutiva.

REFERÊNCIAS

- ALVES, A. L. N.; CARVALHO, B. L.; FASSARELLA, B. P. A.; ASCENÇÃO, C. S. R.; DIAS, C.; GOMES, D. M.; GUINANCIO, J. C.; RIBEIRO, W. A. Assistência de enfermagem à puérpera com síndrome da imunodeficiência humana adquirida. *Brazilian Journal of Health Review*, Curitiba, v. 3, n. 3, p. 4023-4039, 2020.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BASTOS, Rodrigo Almeida; BELLINI, Nara Regina; VIEIRA, Carla Maria; CAMPOS, Claudinei José Gomes; TURATO, Egberto Ribeiro. Fases psicológicas de gestantes com HIV: estudo qualitativo em hospital. *Revista Bioética*, Brasília, v. 27, n. 2, p. 281-288, 2019. DOI: 10.1590/1983-80422019272311.
- BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Brasília, DF: Conselho Nacional de Saúde, 2012.
- BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Brasília, DF: Conselho Nacional de Saúde, 2016.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Insumos Estratégicos em Saúde; Secretaria de Vigilância em Saúde. *Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para prevenção da transmissão vertical do HIV, sífilis e hepatites virais*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2022.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para manejo da infecção pelo HIV em adultos: módulo 1 - tratamento*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2023.
- DMUCHARSKI, Analu Aparecida; ZAMBENEDETTI, Gustavo. “Você não faz ideia do que a mãe passa com essa doença”: experiências de mulheres vivendo com HIV/AIDS acerca da maternidade. *Saúde e Sociedade*, v. 34, n. 3, e240609pt, 2025. DOI: 10.1590/S0104-12902025240609pt.
- GONÇALVES, Thayna Martins; SOUZA, Ana Laura; GONÇALVES, Isabella de Sousa; PATRÍCIO, Anna Cláudia Freire de Araújo. Cuidados de enfermagem e manifestações clínicas de gestantes HIV positivo: revisão da literatura. *Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online*, v. 14, e11526, 2022. DOI: 10.9789/2175-5361.rpcf.v14.11526.
- MIRANDA, Mariana; ROCHA, Luciano Chaves Dutra da; OLIVEIRA, Guilherme Sacheto; ALVES, Laiza Silva; SANTOS, Giulia Maria de Matos; CALDEIRA, Natália Maria Vieira Pereira; PACHECO, Zuleyce Maria Lessa. O vivenciar das mulheres que vivem com HIV sobre o processo de não amamentação. *Nursing Edição Brasileira*, v. 28, n. 316, p. 10190-10195, 2024. DOI: 10.36489/nursing.2024v28i316p10190-10195.
- PEREIRA, Luís Eduardo Alves; SALES, Wesley Barbosa; OLIVEIRA, Allanna Stephany Cordeiro de; FRANÇA, Janine Greyce Martins; SILVA, Allan Batista. HIV e amamentação: os sentimentos de mulheres soropositivas diante da impossibilidade de amamentar. *VITTALLE - Revista de Ciências da Saúde*, v. 36, n. 1, p. 69-81, 2024. DOI: 10.14295/vittalle.v36i1.15068.
- RIQUE, Luisa Lacerda; DIAS, Mírian Rique de Souza Brito; FARIA, Maíra Mendes; BARROS, Clarissa Maria Lopes Dubeux; VASCONCELOS, Fernanda Gomes. O impacto da soropositividade no vínculo mãe-bebê em gestantes diagnosticadas com HIV. *Interação em Psicologia*, v. 26, n. 3, p. 265-276, 2022. DOI: 10.5380/riep.v26i3.78781.
- SANTOS, William Marllon Oliveira J. R. dos; PIMENTEL, Flaviane Magalhães; CONCEIÇÃO, Tatiane Santos da; MOURA, Camilla Portes de; KOOPMANS, Fabiana Ferreira. Percepção de mães soropositivas sobre a impossibilidade do aleitamento. *Brazilian Journal of Health Review*, v. 4, n. 4, p. 15888-15897, 2021. DOI: 10.34119/bjhrv4n4-118.
- SOUSA, José Raul de; SANTOS, Simone Cabral Marinho dos. Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer. *Pesquisa e Debate em Educação*, Juiz de